

ADOLESCÊNCIAS (NÃO) REVELADAS: COMO O ADOLESCENTE/JOVEM SE CONSTITUI SUJEITO SOCIAL NO COTIDIANO?



Autores

Afonso Nogueira da Cruz

Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo – UNISAL e bolsista-pesquisador Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP/FAPESP TT III. E-mail: afonso.ncruz@hotmail.com

Sabrina da Silva Corrêa

Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano São Paulo – UNISAL e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) de Treinamento Técnico (TT₃).

E-mail: sabrinacorreapsicologia@gmail.com

João Paulo Coutinho Tavares

Graduação em Administração pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila – Unifatea. E-mail: joaopcoutinhohot@gmail.com

Ana Marcia Nunes Cardoso de Souza

Doutorado em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e pesquisadora no Instituto Dialogare e Observatório Juventudes – Lorena – SP. E-mail: juventudesobservatorio@gmail.com, contato@institutodialogare.com.br

Resumo

Este trabalho se trata de um recorte da pesquisa intitulada “*Adolescências (não) reveladas: aproximação para (re) conhecer os adolescentes do Município de Lorena*”. A proposta deste recorte da pesquisa é identificar como o adolescente se constitui como sujeito social no cotidiano, partindo do pressuposto teórico e ético que busca compreender o sujeito, sem recortes que criam lacunas em torno do objeto de pesquisa e dificultam compreendê-los em sua totalidade. Os dados indicam que esses jovens/adolescentes estão em pleno processo de desenvolvimento, desejosos de contribuir para as transformações sociais, com anseio por ter espaço e legitimação de sua fala e com forte potencial de serem sujeitos ativos e comprometidos. Apesar dos diversos desafios que precisam ser enfrentados, sejam eles políticos, de direitos, de humanização.

Palavras-chave: Juventudes. Sujeito Social. Cotidiano. Observatório Juventudes.

(NOT) DISCLOSED ADOLESCENTS: HOW DO ADOLESCENTS/ YOUNG PEOPLE BECOME SOCIAL SUBJECTS IN EVERYDAY LIFE?

Abstract

This work is an clipping from the research entitled “Adolescences (not) revealed: approach to (re) cognize adolescents in the Lorena city”. The purpose of this research clipping is to identify how this adolescents is constituted as a social subject in everyday life, based on the theoretical and ethical assumption that seeks to understand the subject, without cuts that create gaps around the research object and make it difficult to understand them in their entirety. The data indicate that these young people/adolescents are in the middle of a development process, willing to contribute to social changes, with a desire to have space and legitimization of their speech and with a strong potential to be active and committed subjects. Despite the challenges that need to be faced, be they political, rights, humanization.

Keywords: Youth; Social Subject; Daily life; Youth Observatory.

I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um recorte da pesquisa intitulada “Adolescências (NÃO) reveladas: aproximação para (re) conhecer os adolescentes do Município de Lorena”, esse estudo configurou-se como estudo exploratório-descriptivo, através de um questionário semi estruturado, com ele, levantou-se percepções dos adolescentes/jovens sobre seu cotidiano, territorialidade e promover estudos e estratégias de intervenção para informar e sensibilizar a população a respeito do adolescente. Teve como hipótese, identificar como o adolescente se constitui como sujeito social, através das relações interpessoais e institucionais no cotidiano.

Sendo assim, objetivou desvendar o olhar do adolescente como sujeito social, através do seu cotidiano, para identificar a forma que o mesmo estabelece em suas relações no modelo microssistema e macrossistema, com o intuito de aproximação da rede de atendimento e subsidiar as futuras políticas públicas em torno da temática e/ou da demanda.

Esta investigação científica fez parte de um conjunto de projetos coordenado pelo Observatório Juventudes, que visa pesquisar temáticas relacionadas às juventudes, oferecendo subsídios, assessorias e materiais de estudos para pesquisadores, educadores e gestores de políticas públicas, articulando com movimentos e organizações juvenis para uma modificação efetiva na realidade das juventudes.

Para Gil (1989, p. 45) dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde, física e mental etc. Na qual as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. (GIL, 1995, p. 46)

Embora a maioria dos sujeitos convidados demonstrarem interesse na participação, somente 639 (seiscentos e trinta e nove) participaram da coleta, respondendo o instrumento de pesquisa, perfazendo 12,65% do total dos sujeitos matriculados. Porém, 13 questionários, por diversos motivos de rigor metodológico, foram anulados, restando validados 622 (seiscentos e vinte e dois) instrumentos, atingindo 12,32% do universo total. Assim, concluindo com uma probabilidade estatística de 95% de confiança/acerto, com margem de erro de 3,8% de margem de erro, para mais ou menos.

Importante destacar que, Inicialmente o projeto foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do UNIFATEA. Sua aprovação se deu através do registro na Plataforma Brasil do Ministério da Saúde sob o número de 146017/2018,

cumprido todo rigor técnico e ético exigido para os padrões científicos.

No que diz respeito à aplicação do instrumento final, com 63 questões foram obtidos dados quantitativos e qualitativos, que foram interpretados e analisados a luz das temáticas referências das investigação em tela, a partir dos teóricos estudados. O tratamento e a análise dos dados coletados foram realizados a partir de uma sequência composta de três etapas elaboradas por Bardin (1979 apud MARTINS, 2005): 1) Pré-análise dos dados coletados, o que consistiu na organização do material a partir da aplicação dos questionários; 2) Exploração deste material, foi codificado os dados em tabelas e gráficos, permitindo sua organização em conteúdos temáticos; 3) Tratamento dos dados, pelo qual se levantou inferências, interpretações e compreensões do material coletado. 4) Também contemplou o modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner (BHERING, SARKIS, 2009): a abordagem ecológica é modelo, também denominado PPCT (Pessoa-Processo-Contexto-Tempo).

Por fim, a proposta deste recorte da pesquisa é identificar como o adolescente se constitui como sujeito social no cotidiano, partindo do pressuposto teórico e ético que busca compreender o sujeito, sem recortes que criam lacunas em torno do objeto de pesquisa e dificultam compreendê-los em sua totalidade. Isso significa romper também com as convenções tradicionais e com as representações sociais que, ao se tratar das juventudes, tendem a ser negativas e limitantes.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O Adolescente/Jovem Como Sujeito Social

Para Groppo (2016), adotar o paradigma do jovem/adolescente como sujeito social é cultivar a imaginação sociológica como um saber crítico e radical, pois questiona as verdades socialmente consolidadas e se propõe a investigar a fundo as ações e interações sociais. Na prática, isso implica em um constante exercício de reflexão, autocrítica e distanciamento. Ou seja, compreender as juventudes exige questionar as imagens estigmatizantes da mesma enquanto categoria unicamente etária, fase moratória e transitória sem valor em si mesma, de rebeldia, liberdade e comportamentos exóticos e hedônicos; possibilita limpar as lentes.

Sem esse questionamento, como disse Dayrell (2003, p. 41),

(...) corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”. Dessa forma não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente se forem das camadas populares, constroem as suas experiências.

Groppo (2017) propõe duas outras reflexões importantes que compõem a

compreensão do jovem/adolescente como sujeito social. O autor explica que a sociedade moderna passou a se organizar a partir de uma “cronologização do curso da vida” a partir da criação de marcadores objetivos e universais para delimitar as categorias etárias pautados em um suposto curso natural da vida. Tudo isso, com o objetivo de delimitar os grupos atendidos pelas instituições (família, quartel, escola, universidade, abrigo etc.), levando a uma, nas palavras do autor, “institucionalização do curso da vida”. A questão é que esse modelo colapsou, principalmente no que tange as juventudes, perdendo seu sentido nas práticas sociais. Contudo, esses marcadores, continuam fortemente presentes no imaginário social orientando os juízos e as atitudes dos sujeitos.

A segunda reflexão colocada pelo autor, trata de uma concepção que também está em crise, na qual a condição juvenil é um período preparatório para o jovem/adolescente assumir determinada função social, a fim de ascender para um status mais privilegiado da maturidade. Todos esses marcadores permanecem no imaginário social, como padrões de referência desejada para grande parte dos jovens/adolescentes (GROPPO, 2017).

Com isso, entende-se a juventude como categoria social e histórica e não unicamente um categoria etária. Categoria social por ser parte integrante de uma estrutura social, por formar um grupo, uma coletividade que habita o imaginário social com uma representação. Categoria histórica, pois em diferentes períodos e em diferentes sociedades, a juventude (com representação sociais e/ ou como grupo etário) não era reconhecida ou era reconhecida de um modo diferente e está sempre sujeita a transformações. Essas variações se dão também e principalmente quando se olha grupos específicos ou classes sociais (GROPPO, 2017).

Ao localizar as juventudes dentro desse complexo processo de constituição de sujeitos, que têm especificidades, singularidades e subjetividades associadas as trocas recíprocas que ocorrem no meio social concreto, fica a pergunta: “quem são os sujeitos dessa categoria sócio histórica?” Dayrell (2003) articula a ideia de juventude à ideia de sujeito social, considerada por ele como:

(...) um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere. (CHARLOT, 2000 apud DYRELL, 2003, p. 42-43)

Dayrell (2003, p.43) continua, apresentando a relação que Charlot (2000) faz entre sua concepção de sujeito com a condição antropológica constituinte do ser humano, “(...) o ser que é igual a todos como espécie, igual a alguns como parte de um determinado grupo social e diferente de todos como um ser singular”. Desse modo, o autor propõe que o ser humano é uma construção, um eterno tornar-se si mesmo e sua essência, originária do ser humano está no mundo das relações sociais. Essa perspectiva dialoga com a tese de Mansano (2009, p.III), quando a autora trata dos modos de subjetivação na contemporaneidade, dizendo:

(...) subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver.

Para Dayrell (2003, p.43) o sujeito está entre a natureza e cultura, pois “ (...) o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie”, sendo influenciado ao mesmo tempo pela dimensão biológica e social. Ou seja, o ser humano é a integração da dimensão biológica, social e cultural desenvolvida nas relações com o Outro e no meio social concreto.

É o meio social concreto o cenário das relações, é no cotidiano que o sujeito social se revela. Pais (et al., 2017, p. 307) já havia sinalizado para isso quanto propôs que “(...) o cotidiano não é um objeto de estudo empiricamente delimitável, ao contrário de outros domínios do saber. O cotidiano é antes uma possibilidade metodológica de decifração do social”. O autor demarca esse campo vivo onde o sujeito se revela, como um lugar, diferente da cotidianidade, no qual se tem a rotina, de ruptura, no qual juntamente a rotina se quebra.

Isso posto, Dayrell (2003) coloca uma problemática fundamental para o delineamento da análise dos dados, para o cumprimento do objetivo ao qual essa pesquisa se propõe: revelar como o adolescente se constitui como sujeito social no seu cotidiano.

(...) o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere. Assim, concordo com Charlot, quando afirma que todo ser humano é sujeito. Mas temos de levar em consideração que existem várias maneiras de se construir como sujeito (...) (CHARLOT, 2000 apud DYRELL, 2003, p. 43)

2.2 A Constituição do Sujeito Social no Cotidiano

Ao se olhar para essa população, é urgente abordar o tema da violência que

tem se mostrado fatalmente presente no cotidiano deles, como é evidenciado no Atlas da Violência (IPEA, 2019) que em 2017, 35.783 jovens/adolescentes foram assassinados no Brasil. Então, na presente pesquisa os dados revelam que, 41,96% dos participantes presenciaram situações de violência contra algum membro da família – acrescido de 8,68% que responderam que “não presenciaram” ou “não sabiam”, mas caracterizam situação de violência na questão posterior – dentre esses, aproximadamente 22,85% que a violência se deu contra eles mesmos.

Além disso, 51,6% disseram que “sempre” ou “na maioria das vezes” observam consumo de drogas, 47,1% disseram que “sempre” ou “na maioria das vezes” observam consumo abusivo de álcool e 42,28% disseram que observam, “sempre” ou “na maioria das vezes”, tráfico de drogas em seu convívio familiar e em seu bairro.

Esses dados vão indicando que o contexto que compõe a cena histórica e a estrutura na qual o desenvolvimento do sujeito se dá é permeado de muitas violências. Contexto que pode gerar grande insegurança e medo, pois 81,67% dos participantes acreditam que “nunca” ou “poucas vezes” podem confiar nos seus vizinhos e 47,10% relataram que “sempre” ou “na maioria das vezes” sentem medo de serem mortos. Ainda, quando perguntados sobre os maiores desafios da cidade de Lorena, 71,06% assinalaram ser as drogas/tráfico, seguindo da falta de oportunidade (60,61%) e a violência (53,21%).

Apesar desses fortes indicativos, apenas 5,46% apontam a violência como seu maior desafio. E ao se tratar da possível violência entre pares, quando perguntados sobre a frequência sofrida com preconceito/bullying/discriminação, grande parte dos participantes responderam “nunca” ou “poucas vezes” terem sido violentados, por exemplo, por sua cor (85,85%), por sua orientação sexual (83,44) ou por sua situação financeira (83,44). Como já explorado na seção anterior, para esses dados sobre preconceito/bullying/discriminação, é cabível uma análise específica.

De modo mais amplo, quanto a cidade e territórios, os dados mostram que 81,18% dos participantes gostam do bairro onde moram, já 18,32% dizem não gostar. 40% diz que considera boa a qualidade de vida no bairro, 35,85% diz ser regular e 12,86% acha ótima. Quando perguntados sobre as maiores qualidades de Lorena, os maiores índices foram para: oportunidade de estudo (47,26%) – contudo, 60,61% acha que uns dos maiores desafios de Lorena é a falta de oportunidade e somente 13,66% acha que oportunidade de trabalho é uma das qualidades de Lorena –, o povo (41,15%) e obras sociais (29,58%).

Em meio a esse cenário, um aspecto importante que deve ser levado em consideração quando se pensa a constituição do sujeito social, é o que tange a Educação e a escola, mais especificamente, tendo em vista a centralidade que essa

instituição tem neste momento da vida, por conta de como a sociedade moderna se organizou e como as leis se desenvolveram. Sobre isso, 55,30% dos jovens/adolescentes disseram que “na maioria das vezes” gostam de estudar, 21,38% disseram que “quase nunca” gostam de estudar, 18,16% disse que “sempre” gostam de estudar e 4,82% disseram que “nunca” gostam de estudar.

Ao serem questionados sobre o que a escola significa, 90,03% acredita que “sempre” ou “na maioria das vezes” a escola significa aprendizado, os mesmos 90,03% acreditam que “sempre” ou “na maioria das vezes” a escola significa conviver com os amigos e 86,81% acredita que “sempre” ou “na maioria das vezes” a escola significa preparar para o futuro. Ao mesmo tempo, 77,49% acha que a escola “nunca” ou “quase nunca” é perda de tempo/sem sentido, 62,54% acha que a escola “nunca” ou “quase nunca” significa namorar/ ter crush, 46,94% acha que a escola “nunca” ou “quase nunca” significa um lugar onde sua opinião tem valor.

Ainda, outro dado importante ao analisar esse contexto, é de que 57,39% dos participantes disseram que “sempre” ou “na maioria das vezes” podem confiar em seus professores. Os participantes contam também como eles se veem percebidos na escola: 65,91% acha que na escolar são reconhecidos como adolescentes, 23,47% acha que é reconhecido como jovem e 6,43% acha que é reconhecido como criança. Esses dados dão indícios dos aspectos e do lugar de importância que a escola ocupa na constituição do sujeito, do ponto de vista dos próprios sujeitos jovens/adolescentes. Esses indícios ficam mais evidentes quando 33,76% dos participantes dizem o que aprende na escola é o que mais influência sua vida. Tendo isso em vista, os participantes disseram que a escola deveria oferecer mais atividades relacionadas a: esporte (54,18%), cultura (39,71%), direitos (36,33%).

Como já é possível perceber, a partir desses últimos dados apresentados, a relevância de se lançar um olhar para o âmbito da cultura, esporte e lazer e a ligação que esse tem com a instituição escolar, além de indicar como atividades que poderiam ser mais ofertadas, também, indicaram, como já visto, que é um lugar importante de convivência. Além disso, dentre as qualidades de Lorena, 18,81% assinalou acesso ao esporte e apenas 8,5% assinalou cultura/artes como qualidade.

Para continuar desenhando esse cotidiano que é constituinte e constituído pelos sujeitos, as perguntas sobre o tempo e as ocupações podem ser importantes. Quando perguntado sobre o que o participante costuma fazer no seu tempo livre, 57,23% disseram que utilizam o celular ou mídias sociais, 38,9% disse ficar em casa vendo tv, jogando vídeo game ou vendo filme/séries e 38,1% disse ficar em casa sem fazer nada/ à toa dormindo. Em contrapartida, quando perguntados sobre o que gostaria de fazer no seu tempo livre, 37,45% respondeu algo relacionado a lazer, 14,14% respondeu algo relacionado a afeto, 13,98% respondeu

algo relacionado a esportes e atividades físicas e 13,66% respondeu algo relacionado a cultura.

Quanto a quantidade de horas que se ocupa nas atividades, é possível perceber que os participantes passam mais horas (mais de 15h ou 11-15h) com a família (40,03%), navegando na internet (33,6%), lazer (21,86%) e dormindo (18%). Por outro lado, os participantes ocupam menos horas (menos de 1h ou 1-5h) em trabalho doméstico (67,68%), estudando (54,82%), com os amigos (52,09%) e lazer (47,74%).

Outro indicador que apareceu como importante na constituição do adolescente de Lorena, foi a espiritualidade e religiosidade, pois 56,4% dos participantes se declaram católicos, 26,8% evangélicos e 8,8% dizem apenas ter fé; 16,23% dos participantes acham que a escola deveria oferecer atividades relacionadas a religião; 50,16% respondeu que em pelo menos seis meses buscaram cura em algum tipo de oração; 5,14% acha que religião/espiritualidade é uma das maiores qualidades de Lorena; 24,59% disse que participa de grupos de igreja/religiosos (dentre as opções de grupos, esse foi o mais assinalado). Todavia, apenas 3,69% afirmam que a espiritualidade simboliza as Adolescências e Juventudes de Lorena.

É importante também, no contexto deste trabalho, mostrar alguns dados sobre como os jovens/adolescentes têm se sentido dentro da perspectiva da análise do sujeito social, seus medos e aspirações. Para a pergunta, “com que frequência você se sente”, 82,9% diz se sentir feliz “sempre” ou “na maioria das vezes”; 69,1% diz se sentir ansioso “sempre” ou “na maioria das vezes”; e 63,5% diz se sentir motivado “sempre” ou “na maioria das vezes”. Concomitantemente, 45,9% apresenta o medo do futuro como seu maior desafio, 31,9% diz ser os relacionamentos amorosos e 31,8% diz ser a autocompreensão. Ainda, em relação a frequência com que sentem medo, 64,4% diz que “sempre” ou “na maioria das vezes”, temem não ter oportunidade de trabalho, 62% “sempre” ou “na maioria das vezes”, têm medo de viver em uma sociedade injusta, 54,8% sentem medo “sempre” ou “na maioria das vezes” de ficar sem conexão de internet.

Quando olhado o aspecto das relações de confiança e as relações de influência é possível ver que os jovens/adolescentes confiam menos: nos políticos locais (89% - “poucas vezes” e “nunca”); em seus vizinhos (81,6% - “poucas vezes” e “nunca”); na polícia (51,4% - “poucas vezes” e “nunca”). Enquanto confiam mais: em seus pais (88,1% - “sempre” ou “na maioria das vezes”); em seus familiares (68,32% - “sempre” ou “na maioria das vezes”); em seus amigos (59,48% - “sempre” ou “na maioria das vezes”); e em seus professores (57,39% - “sempre” ou “na maioria das vezes”). Já sobre o que mais os influencia, 34,72% disse o que se aprende em casa, 33,76% disse o que se aprende na escola e 10,93% disse o que se conversa com os amigos.

Vale ainda lançar um olhar sob mais dois aspectos fundamentais para constituição do sujeito social, os direitos - o entendimento e a experiência que se tem, em especial com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – e a participação social. Os dados levantados mostram que 46,3% dos participantes nunca viram e nem ouviram falar do ECA; 23,9% já ouviu falar, mas não teve contato com o; ECA, 7,7% leu e conhece; 7,5% leu uma vez, mas esqueceu; 6,5% viu uma vez, mas não leu; 5,9% já ouviu falar, mas não se interessou. 32,15% ouviu falar dos direitos dos adolescentes na escola; 19,13% não se lembra onde ouviu falar sobre os direitos dos adolescentes; 16,23% nunca ouviu falar sobre, 13,5% ouviram falar sobre os direitos nas mídias sociais/internet; e 11,57 ouviram falar sobre os direitos dos adolescentes na TV.

Ainda sobre o ECA, 39,8% diz não saber qual a serventia no seu dia a dia; 27,8% disse que serve para proteger os adolescentes; 19,2% disse que serve para dar direito aos adolescentes; 4,5% disse que serve para estabelecer deveres dos adolescentes; 3,37% disse que na prática não resolve nada; e 0,96% disse que serve para punir os adolescentes. Quando perguntado para os participantes se eles sabem quais são seus direitos como adolescentes, 59,32% respondeu “não”; 34,56% respondeu “sim”; e 4,5% respondeu “não ter interesse em saber”. Nesse sentido é interessante o dado de que 36,33% dos participantes acham que a escola deveria oferecer mais atividades sobre direito.

No que tange ao aspecto da participação social, podemos ver, em relação a participação em grupo, que 24,59% contou que participa de grupo de igreja/religioso; 19,45% participa de grupo esportivo; 11,25% participa de grupos musicais; 9% participa de outros tipos de grupos; 7,07% participa de grêmio estudantil; 6,43% participa de grupo de dança; 4,18% participa de grupo de skate; 1,92% participa de coletivos; 1,44% participa de grupo de grafite; 1,44% participa de grupo de meio ambiente; e 0,64% participa de partido político. Contudo, 37,29% não responderam a questão.

Foi perguntado também para os participantes, sobre a frequência com que eles participam das decisões. E entre os contextos em que os jovens/adolescentes disseram ter maior lugar de falar está: entre amigos (36,97% – “sempre”); no esporte (36,49% – “sempre”); e em casa (34,88 – “sempre”). E entre os contextos que disseram que nunca têm lugar de fala está: a política (67,36% - “nunca”); esporte (32,31% - “nunca”); e religião (29,74% - “nunca”).

Além do lugar de fala, outro indicador importante é a ocupação do espaço, principalmente o espaço público. Sobre isso, foi perguntado a frequência com que o participante se diverte nos locais. Os jovens/adolescentes se divertem mais (“sempre” ou na “maioria das vezes”) em casa (81,35%), na escola (66,88%); na rua/bairro (47,42%). Já os locais em que os jovens/adolescentes menos (“nunca” e “poucas vezes”) se divertem são: bares (87,29%); balada (74,11%); e no Centro

Quando perguntados sobre o que ou quais perguntas o participante gostaria que tivesse no questionário, 16,55% responderam algo relacionado a política pública; 13,18% respondeu algo sobre o contexto da cidade; 11,25% respondeu algo que envolvesse sua participação (propositivos); e 11,09% gostariam de poder falar mais sobre seu cotidiano. E quando perguntados sobre o que percebeu ao responder o questionário, 22,99% respondeu algo sobre o contexto da cidade; 21,28% responderam algo que precisa melhorar; e 12,54% responderam algo relacionado a subjetivação e ao contexto da cidade concomitantemente.

CONCLUSÃO

Frente a todos esses dados, fica evidente a multiplicidade de fatores que compõem o cenário social e histórico no qual dinâmica e reciprocamente influencia e é influenciado pelo sujeito social. Apesar das diversas formas de se constituir sujeito, pode haver que em alguma delas, realidades desumanizantes coloquem o sujeito em um lugar de impossibilidade de Ser humano e de desenvolver suas potencialidades.

É essa realidade que nos leva a perguntar se esses jovens não estariam nos mostrando um jeito próprio de viver. Quando cada um desses jovens nasceu, a sociedade já tinha uma existência prévia, histórica, cuja estrutura não dependeu desse sujeito, portanto, não foi produzida por ele. Assim, o gênero, a raça, o fato de terem como pais trabalhadores desqualificados, grande parte deles com pouca escolaridade, dentre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada um. Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. (DAYRELL, 2003, p.43)

Então, os dados deixam claro que esses jovens/adolescentes estão em pleno processo de desenvolvimento, são afetados pela vida, pelas relações, se angustiam, sonham, temem e clamam para serem vistos e terem sua existência legitimada na sua real condição de juventude. Fica evidente também que existem muitos percalços, principalmente no que diz respeito ao contexto de grande violência no qual esses jovens/adolescentes estão inseridos; e o profundo distanciamento que resiste em perdurar entre o mundo adulto e o mundo juvenil. Como é possível perceber na fala do participante 508, quando ele diz: “A cidade está foda, muita violência mano, desigualdades sociais, sem muitas oportunidades, sem lugar interessante pra ir.” (questão 53); na fala do participante 490, quando ele conta “Que os adolescentes não têm muita liberdade de opinar e se fazer ativo”

(questão 53); e na fala do participante 53, que compartilhou que o questionário “Me fez perceber que hoje em dia opinião de jovem não faz muita diferença” (questão 53)

Apesar dos diversos desafios que precisam ser enfrentados e dos caminhos que ainda precisam ser percorridos, sejam eles políticos, de direitos, de humanização, fica também um imagem de esperança, de jovens/adolescentes que querem participar, querem se relacionar, que confiam na família, na escola. Algumas falas dos próprios jovens/adolescentes ajudam a evidenciar isso: “que somos nós que fazemos o lugar” (questão 53, participante 23); “Fez me perceber que eu posso ser mas ativos em atividades” (questão 53, participante 151). Assim, como os dados apresentados acima, outras falas revelam com vivacidade a profunda relação que existe entre a participação social e a constituição do sujeito social. A participante 510 conta que “me descobrir sobre mim mesma e a situação da sociedade” (questão 53) e a participante 16, também conta que “existe muitos problemas para serem resolvidos e alguns deles eu posso resolver” (questão 53).

Por fim, outras falas importantes ajudam a compreender como as juventudes e adolescências de Lorena se constituem enquanto sujeitos sociais. Quando perguntado sobre qual pergunta gostariam de responder, o participante 372 disse “Você gostaria de fazer o quê para mudar Lorena?” (questão 54), a participante 248 disse “O que você poderia fazer para melhorar, na cidade e na sua vida?” (questão 54), o participante 509 disse “Perguntas mais diretas sobre o que pode melhorar a cidade” (questão 54) e a participante 194 disse “o que podemos fazer para melhorar o bairro” (questão 54). Essas falas demonstram grande desejo dos jovens/adolescentes de contribuir para as transformações sociais, anseio por ter espaço e legitimação de sua fala e o forte potencial de serem sujeitos ativos e comprometidos.

REFERÊNCIAS

- BHERING, E., SARKIS, A.; Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil, Revista Horizontes, Itatiba, v. 27, n. 2 p. 7-20, jul. /dez, 2009.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. n.24, set/out/nov/dez, p. 40-52, 2003
- GIL. A. C. Métodos e técnicas de Pesquisa Social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GROPPO, L. Introdução a sociologia da Juventude. Jundiaí: Paco Editorial, 2017
- IPEA. Atlas da Violência 2019. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. 115 p. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf> Acesso em 10 out. 2019.
- MANSSANO, Sonia. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. Revista de Psicologia da UNESP, v.8, n. 2, 2009. p. 110-117.
- MARTINS, C. S. A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes. 2005. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.
- PAIS, J. M.; LACERDA, M. P. C. de; OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun., 2017.